"EU NÃO TENHO ESTUDO, SÓ TENHO CONHECIMENTO" UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE UMA LIDERANÇA TOCANTINENSE

Edna Santos Silva[1]

Resumo: Este texto trata da trajetória de vida, rotas, ritos e sonhos da Raimunda Gomes da Silva (70 anos de idade), também conhecida por Dona Raimundinha, liderança religiosa da comunidade católica da cidade de Tocantinópolis. Buscamos, então, pautar uma discussão acerca do ideal do trabalho cotidiano fundamentado em uma moral cristã que corrobora o entendimento e orienta a vida de determinados grupos femininos camponeses. Apontamos a importância do trabalho, como categoria positiva, a presença de uma moral religiosa legitimadora das ações cotidianas e o entendimento da educação como resultante de virtudes adquiridas ao longo de uma vida pautada na fé cristã.

Palavras chave: Mulher "quebradeira de coco". Liderança Religiosa. Identidade. Tocantins;

Abstract: This text deals with the life trajectory, routes, rites and dreams of Raimunda Gomes da Silva (70 years old), also known as Dona Raimundinha, religious leader of the catholic community of the city of Tocantinópolis. We seek, then, to guide a discussion about the ideal of daily work based on a Christian moral that corroborates the understanding and guides the life of certain female peasant groups. We point out the importance of work, as a positive category, the presence of a religious moral legitimizing daily actions and the understanding of education as a result of virtues acquired throughout a life based on the Christian faith.

Keywords: Woman "coconut breaker". Religious leadership. Identity. Tocantins;

INTRODUÇÃO

Este texto surge a partir das reflexões sugeridas durante as atividades da disciplina do Programa de Pós-Graduação Em Estudos de Cultura e Território - PPGCULT da Universidade Federal do Tocantins (UFT), intitulada **Poder, Territórios e Identidades**: o **feminino no norte tocantinense,** ministrada pelas professoras Dr.ª Vera Lúcia Caixeta e Dr.ª Kênia Gonçalves Costa. Buscamos, então, pautar uma discussão acerca do ideal do trabalho cotidiano

[1] Licenciada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Especialista em História Contemporânea pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN); Estudante do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Tocantins (ProfHistória-UFT); Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) *campus* Porto Franco. Endereço eletrônico: edna.historiadora@gmail.com

Recebido em 06/05/2019
Aprovado em 01/06/2019

fundamentado em uma moral católica que arraiga o entendimento e orienta a vida de determinados grupos. Mais especificamente, trabalhamos a partir de uma entrevista oferecida por Raimunda Gomes da Silva (70 anos de idade), também conhecida por Dona Raimundinha, liderança religiosa da comunidade católica da cidade de Tocantinópolis. Como atividade curricular da disciplina supracitada, foi proposto que buscássemos estabelecer diálogos com alguma liderança feminina no norte tocantinense. Na ocasião Dona Raimundinha surgiu como opção pela indicação de sua atuação por parte de moradores do bairro Alto Bonito da cidade de Tocantinópolis (TO), membros da comunidade católica do mesmo bairro.

A atividade proposta intitulada: "Ritos, Rotas e Sonhos – Mulheres do Norte" visava a elaboração de um registro audiovisual de no máximo vinte minutos, o que acabou por se tornar num imenso desafio, devido ao grau de complexidade das informações a ser obtidas nos diálogos. Nesse contexto, algumas orientações deveriam conduzir a entrevista: a) A interlocutora deveria apresentar suas trajetórias até os dias de hoje; b) Quais as formas encontradas de manutenção para sobrevivência até o momento; c) Quais os sonhos e perspectivas para o seu futuro, como as mesmas pretendem continuar suas vivências cotidianas.

Diante disso, as narrativas de Dona Raimundinha evidenciaram elementos que, de forma sucinta, pretendemos analisar em alguns aspectos considerados relevantes. Apontamos a importância do trabalho entre todos os membros da família, a presença de uma moral religiosa legitimadora das ações cotidianas e o entendimento da educação como resultante de virtudes adquiridas ao longo de uma vida pautada na fé cristã como variáveis postas sob perspectiva.

AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE LIDERANÇA RELIGIOSA COMO LEGÍTIMA

A intelectualidade rural tende a seguir um modelo tradicional de desenvolvimento orgânico em dada localidade. Apesar de ser fundamentado por nuanças individuais, o aparelhamento ideológico, enquanto fundamentação da prática ativa da vida cotidiana incide de maneira estrutural sobre os sujeitos. Contudo, a organização e significação que cada indivíduo é capaz de dar para seu entorno social e produção histórica continuam sendo um arranjo subjetivo.

Gramsci defendia que o intelectual rural devido à ligações com as massas do campo e a pequena burguesia das cidades, "põe em contato a massa camponesa com a administração estatal ou local (advogados, tabeliões etc.) e, por esta mesma função, possui uma grande função

político-social, já que a mediação profissional dificilmente se separa da mediação política" (Gramsci, 2010, p. 100).

Haveria de tal modo uma tendência de as massas campesinas aderirem ao modelo do intelectual imponente ideologicamente e dotado de capital cultural à Bourdieu (2010). Este seria suficiente para produzir um ideal de inspiração veiculado no "padrão de vida médio superior, ou, pelo menos diverso daquele médio camponês e representa, por isso, para este camponês, um modelo social de aspiração para sair de sua condição e de melhorá-la" (Gramsci, *op. cit*. p. 101). O autor aponta que esta aspiração poderia produzir a esperança de que um filho do camponês pudesse também se tornar ele um intelectual, elevando os níveis financeiros e de prestígio da família.

Nesse sentido, algo pôde ser notado nas narrativas de Dona Raimundinha, fontes fundamentais para esta reflexão. Ao dizer que "eu não tenho estudo, só tenho conhecimento", pode-se denotar que, no contexto específico de reconhecimento orgânico de liderança local protagonizado por sua pessoa, a interlocutora induz que, apesar de não possuir o título, aspira reconhecimento. Não foi projetada uma evolução prestigiosa por meio da descendência familiar, mas ela própria cerca-se de um discurso que busca legitimar sua identidade enquanto liderança. Para Stuart Hall, "a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir do nosso exterior, pelas formas através dos quais nós imaginamos ser vistos por outros" (HALL, 1992, p. 39).

Inegavelmente, tal noção vai ficando cada vez mais clara ao passo que sua fala progride. Ao descrever sua trajetória de vida, Dona Raimundinha mostra-se intrinsecamente ligada à história da própria comunidade, seja à do bairro ou à chegada e estabelecimento da Igreja na atual cidade de Tocantinópolis. A indissociabilidade do crescimento individual com relação ao desenvolvimento da cidade é reivindicada na fala. O Alto Bonito (bairro de Tocantinópolis, outrora Boa vista)[2], cresce sob o escopo da capela, que só pôs-se como efetivo polo de difusão política após a chegada do primeiro Bispo[3].

[2] O Distrito de Boa Vista do Tocantins foi elevado à categoria de cidade em 1858. Em 1943 a cidade passou a se chamar Tocantinópolis. Disponível na internet em: https://portal.to.gov.br/reas-de-interesse/cultura/patrimonio-cultural/cidades-e-monumentos-historicos/tocantinopolis/ Acesso em 30 de Abril de 2019.

[3] Dom Cornélio Chizzini foi nomeado o 2º Administrador Apostólico tendo administrado a Prelazia na condição de Padre até o dia 29 do 06 de 62, quando foi sagrado bispo no Rio de Janeiro pelo Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi. E continuou no governo da prelazia na condição de Bispo Prelado até 12.08.81, quando faleceu em Goiânia. Disponível na internet em: https://rccto.org.br/conteudo/diocese-de-tocantinopolis/31/ Acesso em 30 de Abril de 2019.

> Quando veio o Padre Cornel, ele foi o primeiro bispo de Tocantinópolis, aí virou a frente pra esses lugarzinho assim como Oi d'Água, Passarinho, muito povoado que era as morada mais perto, assim da cidade, era assim Folha Grossa, essas morada, e aqui o Alto Bonito nós num tinha uma capela. Aí a diversão, a religião que nós tinha de rezar era a reza do São João, do São Pedro... Antes disso, do festejo, desse primeiro festejo (a depoente narra como teria acontecido o festejo a Santo Antônio), ele vinha e celebrava a missa debaixo de um pé de manga. Nove hora a gente já tinha que tá lá pra, aí a madrinha Lurde trazia a mesinha, botava ali, a missa não era ainda em português, era em latim. E tinha uma freirinha, Irmã Ave-Maria que nós chamava ela, e aí ela ajudava a gente na hora da elevação, falava o que que tava acontecendo e na hora do evangelho era lido neles lá, mas aí ela ajudava a gente nesse momento que era o momento mais... que era a hora da elevação, da consagração, aí ela já ensinava pra nós dizendo ali e nós prestando atenção, todo mundo em silêncio, era um silêncio muito grande. Aí terminava ali, aí nós cantava os cântico que nós já sabia, aí terminava, aí depois, aí ele vinha. Sabe quando, que dia era essa missa? Era uma vez por mês que ele vinha. Aí quando chegava perto eu saía mais as menina da minha madrinha, minhas colega, minhas irmã, aí nós ia em cada casa, pense as casa era longe uma das outra, mas nós ia, aí o pessoal vinha (...) inda hoje tem esse resto do pé de manga lá, aí nós ficava ali e nós assistia a missa ali com todo respeito e assim vivemo nossa vida muito boa, assim uma vida de união, de tudo".

A performance, considerada carismática, de Dom Cornélio e da "freirinha" Irmã Ave Maria, implícita na fala de Dona Raimundinha, caracteriza um modo de estruturação política dentro daquele bairro à época. O crescimento da comunidade propiciou mudanças na vida dos moradores daquela localidade. O aspecto tradicional da vivência da comunidade é quebrado e substituído por um mais moderno. Todavia, essa quebra não é percebida como mudança concreta no ideal de tradicional. O que dava oportunidade de Dona Raimunda se colocar no mundo como indivíduo dotado de ações, para além do mecanicismo anterior da comunidade, era a interferência direta de um agente externo à comunidade.

No que diz respeito às mudanças capazes de acontecer com a chegada de uma nova influência, dotada de legitimidade por um título e atuação, pode-se destacar o caso do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – CE. Quando se ordenou sacerdote, foi enviado para uma pequena vila, Juazeiro, à época pertencente ao município do Crato**.**

A formação do Padre Cícero enquanto sacerdote se dá durante o século XIX durante o chamado processo de romanização, o qual buscava promover mudanças nos ritos católicos de maneira a fortalecer o controle da Igreja sobre as práticas dos fiéis. Para Nobre "o catolicismo formal e organizador que a Igreja católica tentava implantar se fazia através de imposições, e tinha como objetivo principal o estabelecimento de um controle sobre o laicato, especialmente sobre as irmandades" (2011, p. 64) presentes e atuantes na Igreja Católica.

No caso do povoado de Juazeiro, um fato mudaria todo o curso da história do Padre Cícero e do pequeno vilarejo, quando durante as celebrações da Quaresma no ano de 1989, ao dar a hóstia à Beata Maria de Araújo, a mesma teria se derramado em sangue "fato que se repetiria por todas as quartas e sextas-feiras de cada semana", (NOBRE, 2011, p. 19-20).

Apesar da vasta literatura historiográfica, antropológica e sociológica sobre a cidade, nos limitaremos ao estudo de Nobre (2011). Nesse caso, o que interessa para a autora, é montar o que ela chama de Teatro de Deus, protagonizado por diversos agentes que disputam o poder narrativo sobre o milagre na cidade. A autoridade institucional da Igreja católica perde-se frente à dominação carismática[4] exercida pelo Padre Cícero. Dessa forma,

> A desobediência às decisões da Santa Sé (...) não partia somente dos sacerdotes e beatas envolvidos no processo episcopal. A população também recusava obedecer, mesmo correndo o risco de morrer sem a absolvição dos pecados (NOBRE, 2011, p. 159-160).

Ao trazermos o caso do povoado de Juazeiro como exemplo, tentamos compreender e exemplificar com este caso amplamente noticiado e estudado, como a apropriação dos espaços a partir de uma dinâmica religiosa pode interferir nas ações dos indivíduos que, se apropriando desde espaço, reconstroem-no segundo seus interesses e suas crenças. Portanto, mais do que a capacidade de uma instituição promover sua coerção ideológica sobre o povo, é a apropriação e re-apropriação dos discursos por estes mesmos indivíduos que se colocam em prática.

Nesse sentido, como descreve Barros (1988), utilizando-se também da influência teórica de Antônio Gramsci, os aparelhos ideológicos objetivados na forma de instituições da sociedade civil, como a Igreja, agem coercitivamente sobre os indivíduos. São uma forma de coerção promovida por meios privados, incapazes de serem legalmente ou juridicamente legitimados como coercitivos, mas tão eficazes quanto a coerção física promovida pelo exercício do Estado enquanto detentor legal do monopólio da violência.

A incidência da moralidade e ética decorrente deste ciclo é capaz de impulsionar, não somente a valoração do sentido das ações sociais individuais (WEBER, 1999), mas também promove a formação da relação superestrutura-infra-estrutura. Um exemplo macrossociológico

[4] Para Weber: "Dominação carismática, no sentido 'puro' aqui exposto, é sempre resultado de situações extraordinárias externas, especialmente políticas ou econômicas, ou internas, psíquicas, particularmente religiosas, ou de ambas em conjunto. Nasce da excitação comum a um grupo de pessoas, provocada pelo extraordinário, e da entrega ao heroísmo, seja qual for o seu conteúdo" (1999, p. 335).

de tal mecanismo foi a influência da ética protestante na formação do capitalismo, como bem descreveu Weber (2007).

No caso em específico, temos a construção da liderança religiosa de Dona Raimundinha como desdobramento das apropriações do espaço físicos e metafísicos do Bairro Alto Bonito a partir da presença da Igreja católica. Desta forma, "assim o espaço é também construído a partir das experiências, vivencias e relações que se estabelecem entre os sujeitos" (NOBRE, 2011, p. 35), o que possibilitou a junção de diversos povoados sob a ótica da religião e permitiu a formação de uma comunidade que nasce sob a ótica do catolicismo.

PERSPECTIVA MORAL DO IDEAL DE TRABALHO

> Vou dizer assim: o dinheiro que a gente ganhava era de quebrar coco, nossa mãe, nossas tia quebrava os coco e vendia na quitanda. Tinha uma quitanda aqui só. Essa quitanda comprava os coco, aí você trazia da quitanda o querosene, a rapadura, o café, o café em grão né? Pra gente pisar. Eu mesma era escolhida pra torrar o café, porque eu era muito dedicada a torrar café. E aí os home... as mulher no coco, né? E os home ajuntava os coco pras mulher quebrar e aproveitar pra cortar a lenha, pra vender a carga de lenha, botava a cangalha no jumento, botava os cambito, e botava a lenha até encher e vendia na cidade. Os home ganhava o dinheiro dessa forma, vendendo a lenha, e a roça que plantava as veiz sobrava pra vender, só pra quem tinha muita produção, mas família grande igual a minha e outras não dava pra vender os legume, então aproveitava a lenha pra vender. E depois a olaria onde fazia os tijolo pra vender pra construir as casa na cidade, porque aqui mesmo num construía porque era palha e a gente fazia a casa de palha, cobria de palha e fazia as parede de barro, varava e enchia, ou então de palha mesmo. E assim a gente levava aquela vida de muita humildade mas era muito boa né? [5]

A proposta de realizar uma entrevista a partir da disciplina acima mencionada proporcionou conhecer um pouco da trajetória da Dona Raimundinha e consequentemente das narrativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu, tão presentes nos estados do Maranhão e do Tocantins. Estas narrativas se constituem como intrinsecamente ligadas ao coletivo como forma de sobrevivência. Abordam o trabalho como uma extensão da própria vida, uma vez que se compõem de toda uma dinâmica ligada à existência e à manutenção da sobrevivência do grupo por meio da divisão do trabalho, fato este observado no trecho acima descrito.

Dentro da descrição por ela anunciada, os homens ficavam responsáveis pela coleta do coco babaçu, pelo corte da lenha que seria vendida na cidade, pela olaria na fabricação de tijolos e pela roça, unidade de produção dos alimentos para sustento da família, destacando que, em

[5] Trecho da fala de Dona Raimundinha.

algumas situações os legumes poderiam ser vendidos, caso que não era possível na sua família dada a grande quantidade de pessoas.

Na sua narrativa, as mulheres ficavam com a missão de quebrarem o coco e a partir da venda da amêndoa, poderiam obter outros produtos na quitanda como querosene, rapadura, café... Essa descrição trazida por Dona Raimundinha torna-se em alguns aspectos distinta da fala e das práticas de muitas das mulheres que vivem da quebra do coco babaçu, uma vez que em sua grande maioria elas são responsáveis por todas as etapas, incluindo a coleta, gerando portanto uma rede extensa de sociabilidades. De acordo com Luciene de Oliveira Dias

> As mulheres quebradeiras de coco do Bico do Papagaio conduzem por suas ações a satisfação das necessidades humanas; a solidariedade diacrônica com as gerações futuras e sincrônica com as gerações atuais; a participação da população envolvida nas atividades econômicas e a preservação dos recursos naturais, pressupostos da própria sustentabilidade.

Embora tenha sido apresentado acima um trecho da fala de Dona Raimundinha que remete a uma divisão de gênero na organização social do trabalho, é interessante ressaltar que este é um dos poucos trechos no qual há referências à presença masculina. A presença feminina na fala dela é uma constante que atravessa diversos segmentos que perpassam o cuidado para com a família, com a casa, com as funções religiosas, com o acolhimento aos vizinhos e também exemplificado nas festas participadas pelas mulheres, como demonstra o outro trecho do relato:

> Aí quando a gente ia, acompanhado da madrinha, da tia, do pai, da mãe, aí o que é que fazia na festa? Só entrar, dançar até terminar a festa. Quando saía, todo mundo ia. Chegava em casa numa ia dormir, ia buscar água, tomar um banho e contar as novidade da festa. Era essa a nossa vida. Nós tínhamos uma vida muito boa.

Percebe-se, portanto que as redes de sociabilidades são construídas e entrelaçadas pelo trabalho; conduzidas pela presença feminina que se consolida no acompanhamento das mais jovens, na condução da festa e no contar das novidades para quem não pode participar.

Produz-se, a partir da moral cristã, cristalizada na prática do trabalho de subsistência, uma imagética identitária pautada no seguimento do “correto” produzido através de um imperativo categórico transversal à vivência de Dona Raimunda e reafirmado constantemente por meio da expressão de que a vida era simples, humilde e muito boa.

"APESAR DE NÃO TER ESTUDO, MAS TENHO CONHECIMENTO" [6] O PAPEL DA EDUCAÇÃO E DO FEMININO NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES.

> Eu cuido das crianças (netos). Peguei as crianças, que ainda hoje tenho aqui, só tem um que tá lá (em Goiânia com a mãe). Então eu peguei essas criança, mas o que essas criança fazia? Manhecia o dia, ia pra escola, nós se ajuntava, nós se ajunta até hoje e reza cedo, não é todo dia, mas no dia que tá mais... a gente reza. Vão pra igreja todo domingo, me dão a bênça todo dia quando amanhece, minha vó já vou me deitar, bênça. E assim, então... E na hora que faz uma coisa errada, eu cobro, até agora mesmo, meu neto que tem dezoito anos, ele, ali, minha vó, senhora só quer que eu vá pra igreja, e pra escola e trabalhar. Eu digo, tudo bem. Esse é o melhor plano né? O que a gente tem que fazer é lutar pela educação dos nossos filhos. Não é deixar filho a vontade, filho te suquear (*sic*), filho querer. Você tem que dizer não pros filho, você não pode dizer só sim, você tem que dizer não também. A palavra existe, o sim e o não. Você cria um menino que só diz sim. Então... [7]

A todo o momento a fala denota moralidade religiosa obtida por meio da educação familiar. Há uma estreita relação entre a educação obtida em casa, associada ao vínculo com a igreja; com aquilo que se acredita ser o ponto a ser alcançado: um indivíduo religioso, que por meio das práticas de obediência poderá alcançar o respeito necessário ao convívio em sociedade. Para tanto, o papel da mulher de fé não pode ser dispensado, sobretudo neste caso em que a mãe das crianças precisa trabalhar e a avó se dispõe a cuidar, a fim de exercer esta função que ela acredita ser indispensável.

Ocorre uma relação entre a produção dos saberes, surgidos dentro da família, da igreja e da escola, e que seriam, portanto, capazes de promover uma orientação de sentido para a vida, garantindo desta forma a reprodução de bons costumes, perpetuados pela avó que se dispõe a criar os netos. Desta forma, as marcas identitárias da família perpassam uma educação nos moldes que o Estado não é capaz de oferecer. Para Certeau, "vitórias do 'fraco' sobre o mais 'forte', pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de 'caçadores', mobilidades da mão-de-obra, simulações poliformas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos" (1994,p. 47).

> Gostaria que mudasse era a educação das crianças começando em casa, porque quando não começa em casa, num vai a frente. Quando chega lá na frente é pior. Isso aí eu queria muito que os pais nesse momento, pai, mãe, principalmente as mães, levasse seus filhos a se educar começando em casa (...) E depois uma, prevenir as escola, botar uma segurança nas escola, porque

[6] Expressão repetida algumas vezes na fala de Dona Raimundinha.
[7] Trecho da fala de Dona Raimundinha.

> agora mesmo aconteceu uma coisa muito (?), falta de segurança, porque tem que ver quem entra armado, quem não entra. Então era muito bom que os político virasse a frente, que a gente tá na campanha da fraternidade aí pedindo políticas pública. Então tá na hora de ter uma proteção diante dessa história. E também assim, a alfabetização é uma coisa que tá faltando muito, a tabuada, num pode sair, porque quem num sabe quanto é três vez sete, num vai na frente. E, também, assim a gente vê assim a saúde, mas que o pessoal olha, porque tem um lado aí que é muito delicado que eu vejo, como analfabeta, **que eu não tenho estudo, só tenho o conhecimento**. Eu estudei a segunda série primária porque não tive condição de estudar, porque no meu tempo não tinha escola. [8]

Nesse trecho da fala fica evidente que na concepção de Dona Raimundinha não ocorre sucesso escolar fora do protagonismo das ações familiares. Existe também a percepção de que o Estado por si só tem sido incapaz de promover a proteção necessária ou o mínimo exercício das políticas públicas capazes de garantir além da segurança, o mínimo necessário ao bom funcionamento da vida escolar. Neste caso ela recorre a Igreja, por meio da campanha da fraternidade[9], como o ideal de percepção das medidas públicas necessárias, capazes de garantir a segurança nas escolas e, por conseguinte, a possibilidade de que seja desempenhada ali a função de educar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma sucinta análise da entrevista concedida à autoria deste texto por Dona Raimundinha, pudemos dissertar um pouco sobre a construção social religiosa de uma liderança popular movida pelo carisma e integração no local de onde provém. Percebemos também por meio da sua narrativa a importância da presença feminina nos espaços de sociabilidades, neste caso, permeados pela execução das tarefas religiosas. Além disso, destacamos o trabalho das mulheres quebradeiras de coco na construção de modos de fazer, sejam eles econômicos ou de sociais, que sustentam muitas comunidades na região norte.

REFERÊNCIAS

[8] *Idem*.
[9] "Nesta CF 2019, a Igreja no Brasil pretende estimular a participação dos cristãos em políticas públicas, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja para fortalecer a cidadania e o bem comum, sinais da fraternidade". Disponível na internet em: http://www.cnbb.org.br/cnbb-lanca-campanha-da-fraternidade-2019-em-brasilia-df/. Acesso em 10 de Maio de 2019.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A terra da mãe de Deus:** um estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a Representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, pp.107-132.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petropólis: Vozes, 1994.

DIAS, Luciene de Oliveira. **Interseções de gênero:** mulheres quebradeiras de coco e a geração de vidas solidárias. IV Seminário de Trabalho e Gênero Protagonismo, ativismo, questões de gênero revisitadas ST: Gênero, reestruturação e precarização das relações de trabalho. Disponível na internet em: https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/Interse%C3%A7%C3%B5es_de_g%C3%AAnero.pdf. Acesso em 30 de Abril de 2019.

GRAMSCI, Antonio. Posição diversa dos intelectuais de tipo urbano e de tipo rural. In: MONASTA, Attílio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.

NOBRE, Edianne. **O Teatro de Deus:** as Beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro. Editora IMEPH: Fortaleza, 2011.

Weber, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

Weber, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2007.